

ENESEB

V Encontro Nacional Sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica
23 a 25 de Julho de 2017 – UnB – Brasília

GT 11 – O PIBID e a formação docente em ciências sociais: Limites e possibilidades.

Teatro e transformação social: Notas de experiências produzidas através do Programa PIBID em Ocupações Estudantis do Sul da Bahia.

Laiane Vitória Santos Pinheiro¹

Ewerthon Clauber de Jesus Vieira²

¹ Graduanda em ciências sociais (UESC) e bolsista do PIBID de Sociologia UESC-IFBA. laianevitória@hotmail.com.

² Doutor em Sociologia, docente do IFBA-Ilhéus e Supervisor do PIBID de Sociologia UESC-IFBA. ewerthonclauber@yahoo.com.br.

Teatro e transformação social: Notas de experiências produzidas através do Programa PIBID em Ocupações Estudantis do Sul da Bahia.

Resumo

Esse trabalho objetiva analisar a hipótese da arte teatral como prática transformadora de sujeitos, a partir das experiências de oficinas teatrais construídas em algumas escolas ocupadas por estudantes durante o ano de 2016, na região Sul-Baiana (do IFbaiano-Uruçuca, IFBA-Ilhéus e Ceep-Itabuna). A partir disso discute-se relatos de experiências do teatro, junto às ocupações estudantis realizadas contra a PEC 55, com o tema, “por que estamos ocupando?”. Para tanto, utilizamos a visão de Goffman (2014) sobre representação social e Boal (2013) com suas práticas de jogos teatrais para tratar do tema opressor e oprimido. Essa experiência ocorreu a partir do PIBID (programa de iniciação a docência), que possibilita as intervenções nas práticas do ser professor, fomentando atividades, que permitem discussões de temas atuais, ocorrentes na nossa sociedade. Foi possível identificar nos estudantes ocupantes, através dos jogos teatrais, a representação dos seus *papeis* (GOFFMAN, 2014) no ambiente escolar, bem como o desenvolvimento de um senso político (BOAL, 2013), caracterizado por um pensamento libertário e transformador. Além disso, analisamos o desenvolvimento narrativo dos estudantes a respeito de sua participação política no contexto social, problematizado pelas ocupações. Interessa especialmente aqui assinalar como o teatro pode contribuir, juntamente com a escola, para um melhor desenvolvimento social, no que diz respeito à ação coletiva, trabalho em equipe e articulação na busca de soluções para problemas sociais.

Palavras Chaves: Arte teatral, ocupação estudantil, PIBID, representação e escola.

I- Introdução

O teatro é uma arte abrangente e capaz de sintetizar todas as outras formas artísticas quando consegue criar e recontar histórias. Sua capacidade vai além do verbal, pois lança mão de estruturas físicas como cenário, iluminação, pessoas, som, texto, coreografia. É também uma ferramenta poderosa, sobretudo quando se realiza através da produção de uma arte relativamente improvisada, como é o caso do teatro espontâneo. Sob essa perspectiva, tornam-se sujeitos ativos tanto os indivíduos participantes, quanto a comunidade espectadora. O resultado é uma experiência rica de edificação grupal do conhecimento através da arte. No contexto social, o teatro tem sido usado no trabalho com grupos e comunidades para a reabilitação e valorização social daqueles que são vistos e/ou colocados à margem dos padrões impostos, dando espaço para que a herança cultural, a identidade e a dignidade do sujeito por meio da educação, da cultura e da arte, sejam resguardadas. É um exercício de alteridade, uma manobra para ajudar na autoafirmação dos atores sociais no meio em que convivem. (BOAL, 2013).

O presente texto tem como finalidade analisar as atividades de oficinas realizadas em escolas no sul da Bahia em estado de ocupação. Orientando-se a partir da teoria de Goffman, sobre representação social na qual estimulamos os alunos a pensarem o seu papel de sobreviver individualmente e coletivamente para legitimar o movimento estudantil, e Boal como o jogos teatrais no qual proporcionasse revoluções futuras, e no ato dos exercícios perceber como os alunos estavam agindo e pensando criticamente nos seus dilemas cotidianos.

De acordo com essa caracterização potencial da prática teatral, desenvolvemos atividades de oficinas com alguns estudantes que ocuparam instituições de ensino na região Sul baiana, notadamente o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus Ilhéus (FBA-Ilhéus), O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Uruçuca e o Centro Estadual de Educação Profissional em Biotecnologia e Saúde (CEEP- Itabuna), entre os meses de outubro e dezembro de 2016. De forma geral, através dos relatos de experiência, foi possível observar manifestações criativas e bastante auto reflexivas entre os estudantes.

A estrutura metodológica adotada nessa intervenção orienta-se a partir de pesquisas bibliográficas dos livros de Erving Goffman, *A representação do eu na vida cotidiana*³ e Augusto Boal, *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. A relação que sugerimos entre os contributos dessa obra, a partir das intervenções realizadas pelo PIBID nas referidas ocupações estudantis diz respeito ao potencial transformador que reside entre a representação social e o teatro. Uma vez tendo sido deflagrado, os movimentos de ocupações ensejaram um processo pedagógico singular, cujo desfecho se apresentava profundamente imprevisível. Sob essas condições, estudantes, em sua larga maioria, menores de idade, precisaram apresentar-se socialmente com a convicção política que só o decorrer da experiência prática poderia expressar.

Para as intervenções com os ocupantes, utilizamos *jogos teatrais* (BOAL, 2013), considerando que em qualquer situação social (GOFFMAN, 2014), os indivíduos precisam lidar com existência de regras sociais, que por um lado precisam ser percebidas como necessidades objetivas da organização social, mas por outro que podem ser questionadas desde que ameacem a liberdade criativa. Dessa maneira, no jogo teatral sugerido por Boal, o jogo da vida se torna exercício prático que concorda transformando a restrita obediência civil.

Além dos jogos teatrais, realizou-se rodas de conversa, pois era necessário se informar como os estudantes estavam se organizando e executando as atividades de mobilização. Como último jogo e um dos mais importantes para a realização da análise pedimos que eles produzissem um “ensaio” de como seriam essas manifestações, agindo como um “curinga” (BOAL, 2013) nas atividades. A partir da criatividade improvisada, eles criaram uma mobilização que serviu de incentivo para irem as ruas explicar todo o processo em que estavam envolvidos e como as pessoas fora desse contexto poderiam de alguma forma ajudar.

Outro exercício marcante na experiência foram as esquetes⁴, com o tema “Por que estamos ocupando?”. Alguns responderam de forma direta o que estava sendo perguntado, outros preferiram demonstrar suas maiores

³ Essa obra foi originalmente publicada em 1959. Aqui utilizamos a edição brasileira de 2014, pela Editora Vozes.

⁴ Este termo tem origem inglesa, “sketch”, e diz respeito a uma encenação de curta duração.

dificuldades em relação à ocupação, de um modo em que o que parecia uma pontual pergunta tornava-se enredo de uma contextualização vitalmente incorporada.

Nessa atividade, os alunos mostraram as dificuldades de se manterem ocupados, como foram os diálogos com os representantes das instituições, os conflitos e como eles conseguiram propor uma solução. Com essa prática, foi possível apreendermos como os estudantes estavam se organizando e conseguindo progressos nas reivindicações, contra a PEC 55 e outras pautas afins. De fato, a percepção de êxito ocorria mais precisamente com relação a legitimidade alcançada localmente, seja na relação com os gestores das instituições e as mídias locais, seja com os pais, familiares e população local.

II- Um “eu coletivo” diante de um *cotidiano extraordinário*

No livro “A representação do eu na vida cotidiana” (Goffman, 2014), o autor faz uma análise dos encontros que ocorre na vida cotidiana, ele apresenta o conceito de papel social e ator social a partir da cena teatral. Goffman idealiza a vida social como se fosse algo que vai sendo representado num palco, por atores – ou em muitos palcos, já que os nossos atos dependem dos papéis que desempenhamos em cada momento. Contudo, ele conceitua o termo *representação* da seguinte maneira:

Venho usando o termo ‘representação’ para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. (Goffman, 2014, p.34).

Para Goffman, a vida social pode ser compreendida a partir da classificação situacional que varia entre as chamadas *regiões de fachada* e de *bastidores*. As “regiões de fachada” são situações sociais ou encontros em que os indivíduos desempenham papéis formais – são “atores em cena”. O trabalho, a aula, o julgamento, são situações onde mesmo que dois indivíduos se detestem mutuamente, são obrigados a forjar uma imagem apresentável perante os outros. Logo essa *fachada* serve de um tipo de padrão intencional ou inconsciente realizado pelo indivíduo no momento de sua representação. Já

as “*regiões de bastidores*” são onde armazenamos os adereços e os indivíduos se preparam para a interação em contextos mais formais. Analogamente com os bastidores de um teatro, as pessoas podem descansar e libertar as emoções e estilos de comportamento que ocultam enquanto estão no palco. Dessa forma podemos perceber e analisar os comportamentos dos indivíduos tanto individualmente como coletivamente e como isso se altera a partir do ambiente, das pessoas, das condições da ação para exercer o seu comportamento.

Essa caracterização conceitual pode ser aplicada para observamos as referidas ocupações estudantis, especificamente as relações interpessoais que ocorreram no processo de ajuda mútua para um bem comum, o “NÃO A PEC 55”. Segundo relatado pelos próprios alunos, era preciso ter um bom relacionamento e diálogo constantemente para manter forte o processo de ocupação, por mais que tivessem divergências de pensamentos e ideias, eles precisavam entrar num consenso para a manutenção e força do movimento. Nesse sentido, se por um lado, a dinâmica constitutiva das relações dentro da ocupação perpassavam por momentos formais, onde a percepção sobre uma “luta unificada” deveria ser publicamente enunciada, por outro, os diálogos mais conflitivos entre os ocupantes, seus medos, desejos, sonhos e tristezas eram internamente tratados. Assim, situavam-se, mesmo sem perceber, no desafio de uma espécie de *representação do eu coletivo*.

Ainda segundo Goffman (2014), podemos assinalar que o conceito de *aparência*, serve para mostrar o status social do ator social, bem como a maneira que este utiliza para desempenhar seu papel de interação na situação que se aproxima. O objetivo de Goffman não é o de investigar grandes estruturas e sistemas sociais. Seu foco incide sobre as pequenas interações cotidianas que organizam a experiência dos sujeitos no mundo, os quais se deparam, em toda situação, com a questão: “O que está acontecendo aqui?”. Contudo, para poder compreender seu papel na sociedade, o indivíduo tem que ter a percepção do que está acontecendo em sua volta e como isso direta e indiretamente atinge seu comportamento e suas ações.

Nessa esteira goffmiana, todo indivíduo está representando um papel. Ele é um ator social. Representamos justamente aquilo que gostaríamos de ser em relação ao (s) outro (s), pois isso acontece a partir do momento de

interesse e influência que os observadores têm sobre o indivíduo. Sendo assim, a conduta do ator social se dá entre sua ação e a forma pela qual seus atos se externalizam para os outros. Na ótica de Goffman, a situação social comporta tanto a interação entre os atores nas suas representações individuais, quanto as expectativas externas resultantes da interlocução dos papéis encenados.

Nesse contexto, para Boal (2013), a ação de espectador não é só de ser passivo, que observa a ação e nada faz com isso. O espectador tem que ter igualdade como os atores em relação à ação. O teatro possibilita pensar em ações que proporcione revoluções, possibilitando uma análise crítica dos seus dilemas cotidianos, tanto para quem assiste a ação, quanto para quem atua. O esperado pode ser também resultado dialético entre a ação e configuração da participação de quem observa a atuação do outro. Não se trata, nesse aspecto, apenas de uma interação complementar, mas de relações que se conformam entre somas e contradições. O indivíduo como “*spect-ator*”, ao mesmo tempo que tem o olhar e a percepção para buscar soluções pode também atuar para transformar, conforme sugere Boal (2013, p. 162-163):

A Poética do Oprimido é essencialmente uma Poética de liberação: o espectador já não delega poderes aos personagens nem para que pensem nem para que atuem em seu lugar. O espectador se libera: pensa e age por si mesmo! Teatro é ação! Pode ser que o teatro não seja revolucionário em si mesmo, mas não tenham dúvidas: é um ensaio da revolução!

Com isso, percebemos como o teatro está presente em nossa vida, até de uma forma que não percebemos, e no seu exercício diário possibilitaria ao indivíduo perceber essas ações e modificar-se constantemente para um maior desenvolvimento social. Para nós, a potencialidade transformadora da prática teatral não se restringe a relação causa-efeito. Nesse sentido, é válido ressaltarmos que com as intervenções ofertadas junto aos estudantes ocupados, a relevância do teatro se dá menos na causalidade da existência da ocupação e muito mais na consolidação do sentido político e auto-reflexivo das ações coletivas que os atores participantes puderam ter.

Enquanto linguagem humana, a linguagem teatral pôde ser utilizada como força motriz de um cotidiano extraordinário (SGARBIEIRO, 2008). Vivenciado interativamente pelos estudantes participantes da ocupação, os

jogos e exercícios teatrais possibilitaram que entre *fachadas* e *bastidores* (GOFFMAN, 2014), os ocupantes pudessem perceber concretamente suas práticas e propósitos. Os desafios de sobreviverem individualmente aos questionamentos sobre a legitimidade de um movimento estudantil, foi assim também enfrentado sob a representação de um “eu coletivo”.

Nessa perspectiva, o jogo teatral pôde revelar para o coletivo como é possível humanizar as diferenças, os medos e a resistência que tende a criar inações. Com metas diárias, os estudantes relataram que foram enfrentando dia após dia, todas as dificuldades internas e externas aos movimentos de ocupações. Desde a resistência e os obstáculos postos pelas relações com os gestores, até a desconfiança e receio dos pais, até o elogio e criminalização das mídias locais, os ocupantes puderam atuar como mestres e aprendizes de uma experiência extraordinária.

Como *spect-ator* (BOAL, 2013), puderam representar seus medos e suas coragens. Ao serem convocados para simultaneamente encenar e observar a vivência encenada, eles alargaram a margem da percepção sobre suas contradições e potencialidades resolutivas dos conflitos. O uso do Teatro do Oprimido corroborou para esse objetivo. Boal, criador desse método, dirigiu centros de teatro na França e no Rio de Janeiro, buscando sempre lutar contra todas as formas de opressão, com uma prática combativa em favor dos explorados e oprimidos. Eis aqui o teatro de cunho político, libertário e transformador. Os intuítos dessa prática diz respeito a desmecanização física e intelectual de seus praticantes, bem como a democratização do teatro.

Durante as intervenções que ofertamos para as ocupações estudantis, utilizamos especificamente os jogos “Teatro-Fórum” e “Quebra de Repressão”. No primeiro, existe a técnica em que os atores representam uma cena até a apresentação do problema, e em seguida propõem aos espectadores que mostrem, por meio da ação cênica, soluções para o então problema apresentado. No segundo, o exercício vai na direção de um ensaio para resistência a uma repressão futura. Consiste em solicitar que um participante relembra um momento ao qual tenha sido vítima de uma repressão. Nessa condição, esta pessoa escolhe outros presentes para lhe auxiliar na reconstrução da cena já vivenciada. Após a dramatização da vivência, pede-se

que o protagonista resista a tal opressão e que os outros expectadores mantenham as ações repressivas.

Essas duas formas de exercício permitiram aos alunos criar uma capacidade de percepção e análise, no qual futuramente eles colocariam em prática alguma das ações e/ou problemas do seu cotidiano e buscariam formas de solucioná-los.

III- Considerações Finais

Nessa experiência o teatro não foi utilizado como processo transformador. No entanto, o exercício teatral e seus jogos foram úteis para perceber naquele momento como os alunos estavam agindo e se comportando mediante o contexto em que estavam inseridos. Tal contexto era simbolizado pelo chamado ajuste fiscal (previsto na PEC 55), a reforma do ensino médio e o projeto Escola Sem Partido, no qual modificaria a vida dos jovens e adolescentes e principalmente suas escolhas. A oficina de teatro foi útil para unificá-los ainda mais, apesar de uma das escolas demonstrarem um movimento de encerramento da ocupação.

Foi percebido um pensamento libertário, transformador e principalmente de cunho político. Político no sentido de que todas as atividades do homem são políticas (Boal, 2013). Transformador no sentido das relações sociais que se desenvolveu a partir de toda a colaboração interna e externa, tanto de apoio dos professores como de alguns pais. Libertário no sentido de que os alunos se sentiram livres e se organizaram para lutar por uma causa que traria benefícios para todos (alunos de forma geral). A representação para os alunos seria no sentido de que eles tiveram que interpretar papéis, tanto no sentido de demonstrar esforço, que estavam engajados e interessados sempre, principalmente para as pessoas que estavam fora desse contexto acreditarem neles e contribuir para o movimento a partir da interação social.

Assim, a partir de um exercício inicial de interlocução entre fundamentos conceituais de Goffman (2014) e Boal (2013), pudemos reafirmar que o teatro está diretamente ligado a coletividade e vida social. Ele pode ser utilizado para intervir na realidade dos alunos através da consciência de seus direitos e deveres. Assim, também convém pensar o teatro como instrumento da

cidadania, pois ele possibilita gerar consciência e identidade aos atores sociais. O teatro com a busca da participação dos indivíduos e estimulando a inquietação dos espectadores torna-se uma ferramenta que torna o espectador, ator da vida social, integrado, questionador e crítico, e foi dessa forma que ele foi útil nas intervenções realizadas através do programa PIBID.

Toda essa análise e observação foram possíveis pela iniciativa do Programa PIBID, um programa que tem como iniciativa o aperfeiçoamento e a valorização de professores. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

Através desse programa foi possível ter acesso as escolas citadas no qual participavam do movimento de ocupação. Contudo, pôde desenvolver o projeto de uma aula de sociologia utilizando elementos, aspectos, pensamento e jogos do teatro. Permitindo que o aluno se conheça, se permita, tenha senso crítico, consiga se expressar, entre outros.

Referências

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro-RJ, Editora: Civilização Brasileira, 2013.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**; tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20. Ed – Petrópolis, Rj: Vozes, 2014.

SGARBIEIRO, Márcia. O Teatro Como Meio Para a Reflexão em Projetos Sociais: uma Análise da Oficina de Teatro do Cepas. **Serviço Social em Revista, Londrina, v. 11, n.1, jul./dez. 2008**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2008/11teatro.pdf>, acessado em 25/05/2017.